



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Troca de prisioneiros sem acordo de trégua

Em Istambul, enviados da Rússia e da Ucrânia acertam soltura de 2 mil presos e discutem encontro entre Zelensky e Putin

Após um início tenso, a reunião entre as delegações da Rússia e da Ucrânia, em Istambul, terminou sem um pacto de cessar-fogo, mas com um importante acordo para a troca de 2 mil prisioneiros. Representantes dos dois países, em guerra desde fevereiro de 2022, afirmaram que vão prosseguir com as conversas para instaurar uma trégua. Conversaram ainda sobre um possível encontro entre os presidentes russo, Vladimir Putin, e ucraniano, Volodymyr Zelensky, o que representaria a primeira negociação direta em três anos.

Após o fim do encontro, que teve duração de pouco mais de uma hora e 30 minutos, o negociador-chefe russo, Vladimir Medinsky, disse estar "satisfeito" e disposto "a continuar com os contatos" com a Ucrânia. Os ucranianos, porém, acusaram Moscou de ter apresentado reivindicações territoriais "inaceitáveis", deixando poucos indícios de avanços importantes para pôr fim à guerra.

Kiev buscava um "cessar-fogo incondicional" para encerrar o conflito que já destruiu grande parte da Ucrânia e deixou milhões de deslocados. Moscou, por sua vez, rejeitou sistematicamente esses pedidos.

O único acordo concreto foi a concordância em uma troca de mil prisioneiros de cada lado. "Nos próximos dias haverá uma troca de prisioneiros em larga escala, mil por mil", disse Medinsky. Chefe da delegação ucraniana, o ministro da Defesa, Rumstev Umerov, confirmou a informação.

Mediação turca

Os diálogos no Palácio Dolmabahçe de Istambul ocorreram sem a presença de Zelensky e Putin, que ordenou que seu exército invadisse a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022. As duas equipes foram acompanhadas por mediadores turcos. A partir de agora, os dois países devem apresentar e detalhar a "visão" que têm sobre o que seria a trégua, de acordo com o chefe da delegação russa.

Umerov e Medinsky também especificaram que a parte ucraniana havia mencionado um eventual encontro entre Zelensky e Putin — que seria o primeiro desde o início da invasão russa —, mas o negociador russo disse que Moscou havia simplesmente "tomado nota" dessa solicitação. "Esse deve ser o próximo passo", insistiu o negociador ucraniano aos jornalistas.

AFP



Representantes de Kiev e de Moscou à mesa de negociação no Palácio Dolmabahçe

Uma fonte diplomática ucraniana, entrevistada pela agência de notícias France Presse (AFP), considerou, por sua vez, que os negociadores russos

apresentaram "petições inaceitáveis, que vão além do que tinha sido discutido antes da reunião". Entre as reivindicações de Moscou, estaria a retirada das forças

de Kiev de "amplas partes do território ucraniano" como condição prévia à discussão para a instauração de um cessar-fogo, segundo essa fonte.

Reações

Da Albânia, onde participava de uma cúpula europeia, Zelensky pediu a seus aliados uma "reação forte" e "sanções" contra Moscou, caso as discussões terminassem em fracasso. O presidente francês, Emmanuel Macron, considerou "inaceitável" que a Rússia não tenha respondido de novo ao pedido de cessar-fogo feito pelos Estados Unidos e pelos europeus.

Num tom mais ameno, o chefe do governo alemão, Friedrich Merz, considerou que a própria realização das negociações tinha sido um "primeiro sinal, pequeno mas positivo".

Ontem, os dirigentes ucraniano, alemão e francês conversaram por telefone com o presidente norte-americano, Donald Trump, que pressiona para que os combates parem. Após a ligação, Macron afirmou que os europeus estão preparando novas medidas contra Moscou "em coordenação" com Washington.

Na véspera, Trump se disse disposto a encontrar Putin "quando for possível organizar" uma cúpula e afirmou que "nada vai acontecer" até que ele se reúna pessoalmente com o russo.

IGREJA CATÓLICA

Leão XIV defende a luta contra desigualdade

Oito dias após sua eleição para liderar a Igreja Católica, o papa Leão XIV teve, ontem, o primeiro encontro com os embaixadores credenciados no Vaticano. No discurso, o pontífice insistiu em seu compromisso social, defendendo a luta contra as "desigualdades globais" e as "condições indignas de trabalho". Ele também destacou a "família, fundada sobre a união estável entre o homem e a mulher", e defendeu as posições tradicionais da Igreja Católica sobre o casamento e o aborto, ao falar pela primeira vez sobre o tema.

Nascido nos Estados Unidos e naturalizado peruano, Leão XIV

citou a própria história migratória ao se apresentar aos diplomatas. Durante o encontro na Sala Clementina do Palácio Apostólico, Robert Francis Prevost se definiu como um "cidadão, descendente de imigrantes, que por sua vez emigrou".

Leão XIV, que viveu mais de 20 anos no Peru, lembrou sua passagem pela "América do Norte, América do Sul e Europa", uma trajetória que evidencia "essa aspiração de transcender os confins para encontrar-se com pessoas e culturas diferentes".

Ele fez um pedido para "re-mediador das desigualdades globais, que traçam sulcos profundos de

opulência e indigência entre continentes, países e, inclusive, dentro das próprias sociedades".

"A Santa Sé não pode se eximir de fazer sentir sua própria voz diante dos numerosos desequilíbrios e injustiças que conduzem, entre outras coisas, a condições indignas de trabalho e a sociedades cada vez mais fragmentadas e conflituosas", acrescentou o primeiro papa norte-americano.

O pontífice defendeu ainda "revitalizar a diplomacia multilateral", o desarmamento, o diálogo inter-religioso e "o pleno respeito da liberdade religiosa em cada país". A Santa Sé mantém relações diplomáticas com

184 países, incluindo quase 90 que têm representação oficial em Roma, assim como com a União Europeia e a Ordem Soberana de Malta.

O sucessor de Francisco voltou a explicar que escolheu seu nome em uma referência a Leão XIII, o papa da primeira grande encíclica social, a *Rerum novarum*. Publicado em 1891, o texto esboça a doutrina social da Igreja no contexto da primeira grande revolução industrial.

O papa, de 69 anos, também citou os "desafios que caracterizam nosso tempo" e destacou a causa ecológica pela primeira vez.

AFP



Embaixadores credenciados no Vaticano cumprimentam o papa

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Discretamente, o Brasil entra na Rota

Os ruídos em torno do vazamento de conversas mantidas em recepção privada oferecida pelo presidente Xi Jinping dominaram o retorno de Lula após a visita de Estado à China. Mas o alcance e o volume dos acordos e promessas de negócios trazidos na bagagem sinaliza a perspectiva de uma relação bilateral cada vez mais entrelaçada, em diferentes campos.

No nível intergovernamental, foram assinados mais de 30 documentos, com destaque para a cooperação no setor de infraestrutura — leia-se: investimentos chineses. A joia da coroa é a ligação ferroviária entre portos brasileiros no Atlântico e destinos no Pacífico. Em especial, o porto de Chancaí, no Peru, recém-inaugurado com a presença do presidente chinês.

Como um todo, o projeto da ligação bioceânica se ramifica entre o litoral

atlântico brasileiro e a costa pacífica peruana e chilena. Tem alcance regional, portanto, e faz parte da Iniciativa Cinturão e Rota, o ambicioso programa da China para expandir o comércio global atualizando a milenar Rota da Seda.

Ainda em novembro, quando Lula recebeu Xi em visita de Estado, esteve em pauta a entrada do Brasil na empreitada. O Planalto optou por não formalizar o ingresso, mas firmou acordos apontando para a sinergia entre projetos de desenvolvimento e integração.

Na prática, é como se o Brasil tivesse acesso para circular no empreendimento, mas com crachá de colaborador informal.

Chuva de (ainda) dólares

No terreno dos investimentos diretos,

o pacote discutido em Pequim soma US\$ 27 bilhões. Em boa parte, são projetos anunciados ao fim de um fórum empresarial que reuniu 200 participantes brasileiros e 500 chineses. As áreas cobertas se estendem da energia verde e renovável ao serviço de delivery via plataforma, passando por biotecnologia e insumos farmacêuticos.

Além de se integrarem a linhas de ação do chamado novo PAC, os capitais chineses desembarcam no país com transferência de tecnologia e geração de empregos. E o entrelaçamento das economias tem no horizonte o movimento, no âmbito do Brics, para substituir o dólar por moedas locais nas transações entre os membros plenos do bloco e os países parceiros.

Triangulação

A cautelosa "desdolarização" das trocas é um dos itens em pauta na cúpula do Brics, que o Brasil presidirá em julho, no Rio. A aproximação da data esteve no roteiro da recente viagem de Lula, que antes da visita à China esteve em Moscou para as comemorações pelos 80 anos da vitória sobre a Alemanha nazista, na Segunda Guerra Mundial. Também Xi esteve na capital russa, e ambos os visitantes tiveram encontros bilaterais com o presidente Vladimir Putin.

Com a Índia envolvida em mais um perigoso conflito fronteiriço com o Paquistão, e a África do Sul às voltas com dificuldades internas, a triangulação entre os demais sócios fundadores aponta para a configuração de um núcleo duro no bloco emergente. Desde a cúpula do ano passado, na Rússia, o Brics aposta na expansão. No próximo

ciclo, sob presidência indiana, deve estudar a inclusão de novos membros plenos (hoje são 11) e países parceiros.

Despedidas

De volta ao Brasil, Lula mudou agenda e roteiro para ir a Montevideu e prestar homenagens ao ex-presidente Uruguai José Mujica. Afora as qualidades pessoais e a trajetória política ímpar, Pepe Mujica foi um aliado firme na estratégia traçada para a integração sul-americana — que, ainda hoje, é o primeiro pilar do projeto de inserção do Brasil em uma ordem internacional multipolar.

Pela linha de intervenção, como pela conduta pessoal, o ex-guerrilheiro tupamaro dos anos 1960/70 projetou sua imagem além dos círculos de esquerda. Mesmo para adversários ideológicos, tornou-se referência do exercício do poder dentro de marcos éticos irreparesíveis.